

A PRÁTICA DE LER O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS

THE PRACTICE OF READING THE COMIC BOOK GENRE

JANETE ABREU HOLANDA (UEG)¹

Resumo:

A pesquisa proposta situa-se no tema da confluência entre histórias em quadrinhos e leitura. Esclarecemos que é uma pesquisa que ainda se encontra em desenvolvimento, mas já podemos, neste momento, tecer algumas breves conclusões. Para desenvolvê-la, levantamos o seguinte problema: as competências e as habilidades relacionadas à leitura prescritas pela BNCC foram propostas efetivamente nas atividades com HQs no livro didático *Português e Linguagens* de autoria de Willian Cereja e Carolina Dias Vianna (2022), do 9º ano do Ensino Fundamental II? Para tanto, buscamos uma abordagem qualitativa, documental, por meio da qual analisamos comparativamente a BNCC e suas orientações relativas à utilização de HQs no ensino com as questões de interpretação de texto do LDP de 9.º ano do ensino fundamental referido. Como apporte teórico, buscamos os estudos desenvolvidos por Ramos (2009), Orlandi (2008, 2012), dentre outros. Assim, pretendemos analisar como as competências e habilidades prescritas pela BNCC são trabalhadas nos exercícios com quadrinhos. Após algumas análises, o livro analisado propõe o trabalho com HQs e contém atividades que, em tese, podem desenvolver aspectos das competências previstas na BNCC (leituras diversas, produção multissemiótica). Entretanto, não há evidência robusta de que as atividades, tal como estruturadas, mobilizem de forma sistemática e explícita todas as competências e habilidades exigidas pela BNCC para leitura de textos multissemióticos — especialmente quanto à criticidade, à análise da articulação entre modos semióticos e à reflexão sobre posicionamentos discursivos.

Palavras-chave: Letramento. História em quadrinhos. BNCC. Livro didático.

Abstract:

The proposed research focuses on the intersection between comic books and reading. Although this study is still ongoing, we can at this stage draw some preliminary conclusions. The research problem we address is as follows: To what extent have the reading-related competencies and skills prescribed by the BNCC been effectively promoted through activities involving comics in the *Portuguese and Language* textbook authored by Willian Cereja and Carolina Dias Vianna for 9th-grade students of Elementary School II? To investigate this, we adopted a qualitative, documentary approach, conducting a comparative analysis of the BNCC guidelines regarding the use of comics in teaching alongside the text interpretation exercises in the mentioned 9th-grade textbook. Our theoretical framework is grounded in the

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás com Doutorado sanduíche na Università degli Studi G. D'Annunzio (2017), Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2012), Graduação em Letras Modernas pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina (1986). Atualmente é professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás. Email: janete.holanda@ueg.br.

studies of Ramos (2009) and Orlandi (2008, 2012), among others. Our aim is to examine how the competencies and skills outlined by the BNCC are addressed in exercises involving comics. Preliminary analysis indicates that the textbook incorporates activities with comics that, in principle, can foster certain competencies prescribed by the BNCC, such as engaging with diverse readings and producing multimodal texts. However, there is no strong evidence that these activities, as currently structured, systematically and explicitly develop all competencies and skills required by the BNCC for reading multimodal texts—particularly in terms of critical thinking, analyzing the interplay between semiotic modes, and reflecting on discursive positioning.

Keywords: Literacy. Comic books. BNCC. Textbook.

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1990, especialmente com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o ensino de Língua Portuguesa passou por significativa reorientação ao incorporar o gênero do discurso como objeto de estudo e ensino. Embora, por muito tempo, os textos agrupados sob o amplo rótulo “quadrinhos” tenham sido negligenciados nas práticas escolares. Acreditamos que, enquanto gêneros discursivos, eles encontram maior abertura para integrar as aulas de leitura a partir das diretrizes propostas pelo referido documento.

Porém, mesmo fazendo parte e sendo proposto nesse documento, as linguagens multissemióticas, como ocorre nas HQs, exigem do leitor um processo interpretativo mais complexo, uma vez que sentidos são produzidos na articulação entre diferentes modos de significação. Por isso, a leitura desses textos deve ser concebida como uma prática que ultrapassa a decodificação verbal e demanda a integração crítica de múltiplos recursos semióticos. Dessa forma, cada linguagem presente nos textos multissemióticos — como palavras, imagens, cores, sons sugeridos, gestos e diagramação — possui um modo próprio de significar e, portanto, pode ser utilizada de maneira estratégica conforme a intenção comunicativa do produtor do texto.

Assim, para desenvolver a leitura de HQs, é necessário levar o aluno a refletir sobre as estratégias de dizer, de modo que consiga ultrapassar os limites do verbal e alcançar a complexa dimensão multissemiótica do enunciado e das enunciações. Cabe esclarecer que o termo enunciado deve ser compreendido, à luz de Bakhtin (1997), como palavra/discurso

vivo e situado, inserido na prática social e não reduzido a frases descontextualizadas ou a signos abstratos.

Desta forma, ler HQs não se reduz a extrair o que está explicitamente dito, mas implica ir além, reconhecendo filiações discursivas, relações intertextuais e valores sociais que emergem desses textos. Para isso, é indispensável que o leitor mobilize competências e habilidades específicas.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) também aponta diretrizes para o uso de histórias em quadrinhos no contexto escolar. Na competência específica de Língua Portuguesa nº 3 para o Ensino Fundamental, o documento orienta para a necessidade de:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2017, p. 87)

A competência descrita pela BNCC (2017) enfatiza que o aluno deve ser capaz de ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, mobilizando compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, ideias, experiências e sentimentos. Essa perspectiva amplia a concepção tradicional de leitura, ao reconhecer que os textos não se limitam à linguagem verbal, mas combinam diversos modos de significação — palavra, imagem, cor, gesto, diagramação e outros recursos visuais — que se articulam para produzir sentidos complexos. Entretanto, ainda que a BNCC apresente diretrizes por meio de competências e habilidades, o documento não descreve detalhadamente como deve ocorrer, na prática, o trabalho de leitura com textos multissemióticos. Diante disso, cabe às editoras e autores dos livros didáticos orientarem professores por meio de propostas de atividades que contemplam múltiplas linguagens.

Surge, então, nosso questionamento central: as competências e habilidades de leitura prescritas pela BNCC, quando identificadas nos livros de Português, estão sendo efetivamente contempladas nas atividades com HQ. Acreditamos que ao propormos a investigação sobre a efetiva implementação das competências e habilidades de leitura da BNCC (2017) nas atividades com histórias em quadrinhos no livro didático *Português*:

Linguagens, de Willian Cereja e Carolina Dias Vianna, podemos avaliar em que medida as orientações curriculares são operacionalizadas na prática escolar, contribuindo para identificar lacunas entre o que é prescrito e o que é efetivamente trabalhado em sala de aula. Além disso, considerando que as HQs constituem textos multissemióticos, cujo entendimento exige do leitor a integração de diferentes modos de significação (verbal, visual, gráfico e espacial), a análise evidencia se os materiais didáticos promovem leituras críticas, interpretativas e reflexivas, conforme previsto na BNCC.

Nessa perspectiva, procuramos, neste estudo, adotar uma abordagem qualitativa, de natureza documental, analisando comparativamente a BNCC e suas orientações sobre o uso de HQs no ensino, bem como questões de interpretação presentes no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano.

Como primeiro passo metodológico, identificamos o livro didático de Língua Portuguesa adotado em 2024 em uma escola local. Em seguida, focamos, especificamente, nas orientações e atividades relacionadas ao eixo da leitura, observando como são trabalhadas as competências e habilidades em atividades envolvendo HQs. Dessa forma, buscamos analisar de que maneira as competências e habilidades prescritas pela BNCC são operacionalizadas nos exercícios que envolvem o gênero discursivo história em quadrinhos.

Assim, estruturamos a nossa pesquisa, primeiramente, descrevendo a coleção e suas orientações teóricas sobre o eixo leitura. Depois, apresentamos e analisamos os exercícios selecionados, articulando-os às competências e habilidades que se propõem a desenvolver. Por fim, discutimos como o gênero HQ é tratado pela coleção analisada, destacando aproximações e distanciamentos em relação às prescrições da BNCC.

QUE CONCEPÇÃO DE LEITURA ESTAMOS NOS EMBASANDO?

De acordo com Orlandi (1999, p. 9), é possível “problematizar as maneiras de ler, levando o sujeito falante ou leitor a se colocar questões sobre o que produz e o que ouve nas diferentes manifestações da linguagem”. Ao convocarmos a leitura sob uma perspectiva discursiva, é necessário compreendê-la com maior profundidade.

A leitura, ao longo do tempo, já foi concebida como decodificação, como interação e como processo discursivo. Nesta última perspectiva, ler é construir sentidos, sempre em

movimento, nunca como simples decodificação mecânica de ideias fixas. Pensar a leitura discursivamente implica questionar o modelo de Jakobson(2008), que concebe a comunicação como transmissão linear de informações. Na visão discursiva, o leitor assume papel ativo ao dialogar com o texto, mobilizando saberes social e historicamente constituídos, e avaliando diferentes pontos de vista.

Assim, “a leitura é produzida” (Orlandi, 2012) na interação entre sujeitos — o autor, o professor, o leitor e as múltiplas vozes que atravessam o texto. Cada leitura se constitui do encontro entre a historicidade do leitor e a interdiscursividade presente na materialidade textual. Com esse raciocínio, podemos perceber que não há sentidos prontos, escondidos ou transparentes à espera de serem revelados. Antes mesmo da interação com o texto, os sentidos já circulam socialmente, e o leitor filia-se a determinados discursos ao interpretar.

Dessa maneira, o leitor não é mero receptor, mas coparticipante da produção de sentidos. Como exemplificam Grantham e Caseira (2011, p. 15), ele pode identificar-se com os sentidos produzidos pelo autor ou pode questioná-los e significar diferentemente. Com base nessas considerações, compreendemos que os sentidos são historicamente sedimentados, pois estão imersos em processos de circulação e produção determinados socialmente. Assim, a leitura se configura como processo de construção e negociação de sentidos, constituindo, antes de tudo, uma prática interpretativa.

OS GÊNEROS QUADRINHOS

Quando trazemos para o nosso trabalho o estudo do gênero quadrinhos, devemos antes saber bem o que seja esse gênero. Ramos (2009), em sua obra, assume uma postura teórico-metodológica que integra a linguística textual, a semiótica e os estudos de gêneros, propondo que os quadrinhos devem ser vistos sob a categoria de hipergênero.

Para Ramos (2009), os “quadrinhos” não se reduzem a um único tipo textual ou visual: em vez disso, configuram um grande rótulo — um hipergênero — sob o qual se agrupam diferentes subgêneros, cada um com suas peculiaridades.

Isso significa que sob o guarda-chuva “quadrinhos” encontram-se diversos modos de produção e circulação textual — como tirinhas, *cartuns*, *charges*, tiras seriadas, revistas,

graphic novels — que compartilham elementos semióticos e discursivos, mas se diferenciam em função, forma, suporte, periodicidade, e expectativa de leitura.

Esse autor argumenta que a heterogeneidade interna dos quadrinhos (duração, formato, função, suporte, público, semiose) inviabiliza considerá-los como um gênero único com estrutura fixa. Em vez disso, a noção de hipergênero permite abranger essa variabilidade, reconhecendo similaridades genéricas (uso de quadros, balões, narrativa visual + verbal, sequência de quadros) e, ao mesmo tempo, as diferenças específicas de cada subgênero.

Embora os subgêneros internos apresentem variações, há um conjunto de traços recorrentes que caracterizam a maioria das HQs na concepção de Ramos (2009):

- Uso da linguagem dos quadrinhos: combinação de linguagem verbal (texto escrito, falas, legendas) com linguagem icônica/visual (desenhos, traços, cores, onomatopeias, expressões faciais e corporais).
- Estrutura em quadros (painéis) organizados em sequência, criando uma narrativa visual.
- Presença de balões para indicar falas, pensamentos, sons — e, em alguns casos, legendas (narração ou comentário), recordatórios etc. A forma e o traçado dos balões, bem como a tipografia, são recursos semióticos de entonação, tom, volume de voz ou emoção. Predominância da sequência narrativa, embora a duração da narrativa varie (uma tira curta, uma história longa).
- Possibilidade de personagens fixos ou mutáveis, dependendo do subgênero — por exemplo, tirinhas com personagens habituais, séries com personagens recorrentes, ou HQs únicas com elencos variáveis.
- Diversidade de suportes e meios de circulação: jornais, revistas, livros, internet, mídias digitais. Isso implica flexibilidade de formato, adaptação de layout, adequação à mídia.

Dentro do hipergênero “quadrinhos”, Ramos (2009) distingue diferentes subgêneros, de acordo com finalidade, estrutura, linguagem e suporte. Entre os principais:

- Tira cômica (tira): texto curto, humorístico, geralmente com 1 a 3 quadros, com diálogo breve e desfecho inesperado; uso frequente de personagens fixos e periodicidade regular (jornais, *web*).
- Cartum: desenho (às vezes sem texto) com caráter humorístico, em geral sem objetivo jornalístico — diferindo da charge.
- Charge: quadrinho com comentário social ou político, frequentemente relacionado a um fato noticioso contemporâneo. Carrega carga intertextual e depende do contexto sociocultural para ser interpretada.
- Tira seriada (tira de aventura / série de quadrinhos): narrativa distribuída em vários quadrinhos/episódios, com enredo contínuo, podendo formar revistas, álbuns ou compilações.
- Tiras “livres” / formatos experimentais: conforme as transformações de suporte (digital, *web*, dispositivos móveis), surgem variações formais — mudanças no layout, organização dos quadros, interação leitor/texto — exploradas por Ramos em estudos sobre o alargamento do formato tradicional. A partir da perspectiva de Ramos, as HQs devem ser compreendidas como um hipergênero — um grande rótulo que reúne diversas manifestações (tiras, cartuns, charges, graphic novels etc.), todas compartilhando a “linguagem dos quadrinhos”: a combinação de imagem + texto + sequência narrativa. Essa concepção amplia os limites tradicionais do texto e abre espaço para a reflexão sobre multimodalidade, leitura contemporânea e práticas de letramento. À luz da Análise do Discurso francesa, o letramento pode ser compreendido como um processo discursivo e ideológico por meio do qual os sujeitos se constituem e se significam nas práticas de leitura e de escrita. Tais práticas não são neutras nem transparentes, pois se realizam sob determinadas condições de produção, inscritas em formações discursivas que delimitam o dizível e o indizível em uma dada conjuntura histórica. Desse modo, o letramento não se reduz à aquisição de competências técnicas, mas configura-se como espaço de produção de sentidos, no qual a língua, atravessada pela ideologia, interpela o sujeito e produz efeitos de sentido historicamente determinados (Pêcheux, 1997; Orlandi, 2012).

ALGUMAS EVIDÊNCIAS

A coleção *Português: Linguagens* está registrada no PNLD e declara alinhamento com a BNCC, incluindo gêneros não verbais/mistas (HQs, tirinhas, mangás) nas unidades temáticas e como possibilidade de produção textual. Isso demonstra a correspondência institucional entre BNCC e a obra, quando observamos em cada capítulo a exposição na lateral das competências da BNCC.

Figura 1- exemplo de identificação competências



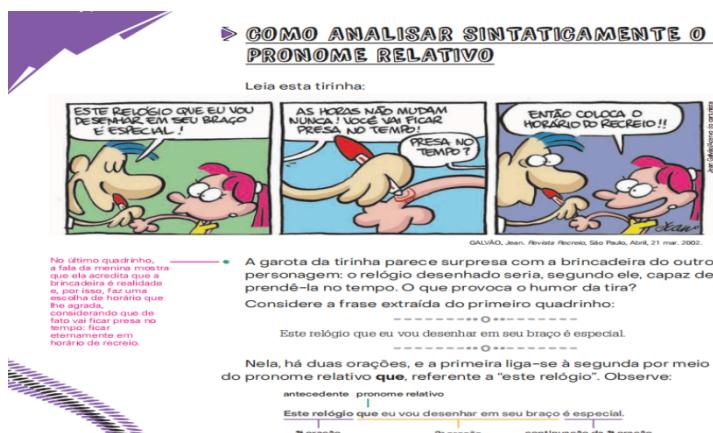
Fonte: Livro didático *Português: Linguagens*, de Willian Cereja e Carolina Dias Vianna

Conforme os autores, “os conteúdos abordados nesta obra desenvolvem-se em direta correspondência com os objetos de conhecimento e as habilidades apresentados na BNCC(...)(p.7).

Apesar de encontrarmos histórias em quadrinhos nos capítulos, elas não são o foco central de estudo, somente são utilizadas como pretexto e/ou recurso ilustrativo para o ensino

de determinados conteúdos gramaticais e em algumas vezes focam a questão do humor, em exercícios como podemos observar na figura 2 seguinte.

Figura 2: Exemplo de atividade proposta



Fonte: Livro didático *Português: Linguagens*, de Willian Cereja e Carolina Dias Vianna

Em relação à natureza das atividades com HQs, embora elas apareçam com regularidade, as questões propostas, frequentemente, incentivam respostas de caráter informacional ou reprodutivo (responder o que “está no quadro”, identificar sequência, localizar informação implícita simples) em vez de exercícios que promovam análise das relações imagem–texto, hierarquização semiótica, estratégias de enquadre/diagramação, ironia multimodal ou enquadramentos ideológicos. Em alguns casos, as atividades conduzem a leituras fragmentadas que não exigem integração crítica dos recursos semióticos. Além disso, percebemos que há desalinhamentos específicos com competências da BNCC, por exemplo, a Competência 3 (LP) da BNCC enfatiza leitura de textos *multissemióticos* com compreensão, autonomia, fluência e criticidade. Ao retomar os conceitos de histórias em quadrinhos e de leitura mobilizados na fundamentação teórica, observa-se que se deveria observar que esse gênero discursivo se organiza a partir da articulação entre diferentes materialidades significantes — verbal, visual e gráfica — cuja relação não é complementar, mas atravessada por tensões e deslocamentos de sentido. Sob a perspectiva da Análise do Discurso francesa, a leitura dessa história em quadrinhos deve se constituir como um gesto de interpretação historicamente situado, no qual o sujeito-leitor, interpelado pela ideologia, produz sentidos a partir das condições de produção e das formações discursivas que regulam o dizível. Desse

Anais do XXI ENFOLE
Inhumas: UEG, 2025
ISSN 2526-2750

modo, os enquadramentos, os balões, as expressões faciais das personagens e os silêncios entre os quadros não funcionam como elementos meramente ilustrativos, mas como marcas discursivas que acionam a memória discursiva e o interdiscurso, produzindo efeitos de evidência e de naturalização. A história em quadrinhos analisada constrói seus efeitos de sentido a partir da tensão entre a promessa de controle absoluto do tempo e a ruptura final que desestabiliza tal evidência. No primeiro quadrinho, ao afirmar “este relógio que vou desenhar em meu braço é especial”, o sujeito enunciador se inscreve em uma formação discursiva que associa o tempo à ideia de poder e domínio, produzindo o efeito de que o relógio é um instrumento capaz de fixar e regular a experiência temporal. No segundo momento, quando se enuncia que “as horas não mudam nunca” e que o outro “vai ficar preso no tempo”, observa-se a produção de um efeito de ameaça, sustentado por um discurso de imobilidade e aprisionamento, no qual o tempo é representado como algo estável, homogêneo e coercitivo. No entanto, no último quadrinho, ao se afirmar “então coloca a hora do recreio”, instaura-se um deslocamento de sentido que rompe com a formação discursiva inicialmente estabilizada. A referência ao “recreio” aciona a memória discursiva do espaço escolar, historicamente associado à liberdade, ao prazer e à suspensão das obrigações, produzindo um efeito de humor e ironia. Esse deslocamento evidencia que o controle do tempo não é absoluto, mas atravessado por desejos, relações sociais e saberes compartilhados. Do ponto de vista da leitura, o efeito de sentido se constrói na articulação entre o já-dito (tempo como prisão) e o novo dizer (tempo como possibilidade de prazer), revelando que os sentidos não estão dados, mas se produzem.

Assim, a história em quadrinhos exemplifica como, no ensino, esse gênero pode favorecer a problematização crítica dos sentidos naturalizados, permitindo ao leitor compreender os mecanismos discursivos que sustentam o humor.

CONCLUSÃO ANALÍTICA

Antes de nossos comentários finais e alguns esclarecimentos, retomamos nossa trajetória de pesquisa, na qual buscamos compreender como as competências e as habilidades relacionadas à leitura prescritas pela BNCC foram trabalhadas por meio de atividades com

HQs e se as características próprias das HQs foram ou não trabalhadas nos exercícios de leitura no livro didático analisado do 9º ano.

Conforme nossa análise, o livro propõe o trabalho com HQs e contém atividades que, em tese, podem desenvolver aspectos das competências previstas na BNCC (leituras diversas, produção multissemiótica). Entretanto, não há evidência robusta de que as atividades, tal como estruturadas, mobilizem de forma sistemática e explícita todas as competências e habilidades exigidas pela BNCC para leitura de textos multissemióticos — especialmente quanto à criticidade, à análise da articulação entre modos semióticos e à reflexão sobre posicionamentos discursivos.

Percebemos também que no 9º ano a história em quadrinhos não é o foco central de estudo na abertura do capítulo. Os autores até apresentam em cada capítulo histórias em quadrinhos, mas sempre como pretexto para estudar algum aspecto gramatical. Diante dessas constatações, identificamos que não há preocupação em considerar o momento da enunciação, as condições de produção do dizer. Portanto, não encontramos mobilizar nas questões de leitura sobre o conhecimento dos eventos que estavam em curso durante a elaboração do discurso, compreendendo o processo histórico e ideológico em que se deu a produção de acontecimentos discursivos.

Entendemos que a forma como estão sendo conduzidas as questões não é suficiente para o aluno compreender os discursos imersos em uma rede enunciativa. Na proposta de Bakhtin (2003), a enunciação é considerada como produto da interação social, portanto determinada pelas condições histórico-sociais em que é produzida. Por isso, deve-se considerar o fato de o texto ter sido extraído talvez de um jornal. Que jornal? Quando? Para quê?

Também observamos que o livro analisado até poderia ter uma proposta inovadora ao sugerir um estudo na perspectiva dos gêneros. Porém, as histórias em quadrinhos utilizadas em cada capítulo transformaram-se em um estudo prescritivo e reproduzor de documentos oficiais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/CNE, 2017. Disponível em: Portal MEC.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ensino fundamental / 1º ao 4º ano – Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução: C. G. de Araújo; revisão técnica: C. G. de Araújo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CEREJA, William Roberto; VIANNA, Carolina Dias. **Português**: Linguagens – 9º ano. 10. ed. São Paulo: Atual Didáticos, 2022.

GRANTHAM, Marilei R.; CASEIRA, Ingrid G. **Análise de discurso e ensino**: um olhar discursivo sobre a língua, a leitura e a interpretação. Curitiba: CRV, 2011.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P. **Sentidos em fuga**: efeitos da polissemia e do silêncio. In: SUJEITO, Sociedade, Sentidos. Guilherme Carroza; Mirian dos Santos; Telma Domingues da Silva (Orgs). Campinas: RG, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes, 1999.

RAMOS, Paulo. **Histórias em Quadrinhos**: gênero ou hipergênero. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 355-367, 2009.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlando. Campinas: Pontes Editores, 1997.